

# CLAUSEWITZ: RELAÇÕES ENTRE A POLÍTICA E A GUERRA\*

DIMAS LOPES DA SILVA COELHO  
Vice-Almirante (RRm)

## SUMÁRIO

A época de Clausewitz

Clausewitz e sua obra

Caracterização do pensamento de Clausewitz, sobre as relações entre a política e a guerra

Análise de alguns conflitos recentes, face ao pensamento de Clausewitz

Apreciações finais

## A ÉPOCA DE CLAUSEWITZ

Carl Von Clausewitz viveu entre 1780 e 1831, portanto, tendo sido contemporâneo de outras duas expressivas figuras de militares, quais sejam: Napoleão, que viveu de 1769 a 1821, e Jomini, de 1779 a 1869. Deve ser mencionado, ainda, que foi nesta época, em parte, que ocorreu a virada dos

séculos XVIII para o XIX, de transição entre duas outras épocas bastante distintas, em alguns aspectos aqui pertinentes. Além destes três pensadores militares, deve ser recordado que, no mesmo período em questão, viveu também o filósofo Emanuel Kant (1724 a 1804), a figura mais representativa do movimento conhecido como Idealismo Alemão.

\* N.R.: O presente trabalho é uma adaptação à palestra para o C-PEM proferida em 12 de abril de 1991, mas julgada pela RMB ainda extremamente válida.

Esses pensadores, através de seus princípios, influenciaram, não só sua época, como aqueles que se seguiram, de uma maneira ou de outra.

Kant, que considerava as guerras como absurdas, é o autor de duas obras importantes, *Críticas da Razão Pura e Paz Eterna*, que sabidamente exerceram influência sobre Clausewitz. Jomini, por sua vez, influenciou Napoleão – quando serviu na *Grand Armée* – por meio de sua produção intelectual, na qual avulta a *Epítome da Arte da Guerra* (publicada pela Biblioteca do Exército com o título *A Arte da Guerra*), voltada para os aspectos práticos e objetivos dos conflitos, sistematizando-os a nível estratégico, operacional e logístico. Por sua vez, as campanhas militares de Napoleão, bem como as de Frederico II da Prússia, foram o campo principal sobre o qual Clausewitz fez suas reflexões e permitiu produzir a sua obra de pensamento *Da Guerra*, predominantemente voltada para os aspectos filosóficos e políticos dos conflitos.

Ainda nesta época considerada, o grande fato ocorrido foi a Revolução Francesa de 1789 e que, libertando energias reprimidas das massas populares, tumultuou a Europa sob os aspectos social, político, econômico e militar – constituindo-se num marco de referência, separando os sistemas históricos prevalentes entre 1648 e 1789 e 1815 e 1914.

De tal situação se apercebeu Clausewitz, especialmente quanto ao surgimento da Prússia no quadro de poderes europeus, como Estado em ascensão, bem como no campo da cultura, com as figuras de Kant e Goethe.

Mas detenhamo-nos, agora, nos aspectos militares.

Na primeira época anteriormente considerada, os conflitos ocorriam no âmbito de uma sociedade de estados soberanos, chefiados por príncipes que possuíam interesses limitados e, para atendimento dos mesmos, lançavam mão de procedimentos que eram normalmente aceitos, tais fossem a negociação, formação de alianças, compromissos matrimoniais, considerações de linhagens e, também, a guerra. Com isso os conflitos eram limitados em seus objetivos e de alcances restritos.

Para emprego nestas situações seus exércitos eram organizações militares particulares mantidas pelos próprios príncipes, constituídos, em sua maioria, por profissionais altamente treinados, muitas vezes mercenários, o que fazia serem aqueles grandemente onerosos e de restrito sentimento de lealdade. Resultava que, nas batalhas, eram instintivamente evitadas as ações por demais sangrentas, prevalecendo a busca da vitória através da manobra em relação ao combate propriamente dito.

---

---

**Os exércitos eram formados por profissionais altamente treinados, muitas vezes mercenários, o que fazia serem aqueles grandemente onerosos e de restrito sentimento de lealdade**

---

---

A caracterização de uma superioridade flagrante definia a vitória, que era aceita pela parte inferiorizada. A capitulação não era uma vergonha e a maior virtude do soldado era a obediência simples.

Com as guerras napoleônicas pós-Revolução Francesa, os exércitos se tornaram nacionais e integrados por soldados obtidos através da mobilização do cidadão comum e que não tinha em consideração na batalha as regras convencionais do Século XVIII, anteriormente àquela revolução. Surgia, assim, um fator de extraordinária importância na batalha – o moral do combatente.

Napoleão, o grande chefe militar dos novos tempos, não se limitava, simplesmente, a

buscar uma decisão nas batalhas através dos princípios militares que empregava, mas, também, do ardor do soldado e o seu sentimento patriótico.

Tal fato foi bem apercebido por Clausewitz, inclusive no seu aspecto essencial, o de que a guerra era um instrumento da política. Muito embora não fosse um propugnador da guerra pela guerra, mesmo assim ficou ao longo da história com uma conotação desse tipo.

Motivado, ainda, pelo natural patriotismo e grande inclinação para a carreira militar, com base na sua experiência pessoal e na observação dos fatos relacionados aos conflitos que ocorriam em seu tempo, Clausewitz se lançou à análise do fenômeno da guerra, não só no seu aspecto operacional, como naquele político, construindo sua monumental obra de pensamento, *Da Guerra*, com isto criando uma verdadeira filosofia dos conflitos, como o fizeram Aristóteles, com *O Novo Organon*, a filosofia da ciência; Maquiável, com *O Príncipe*, a filosofia política; e Karl Marx, com *O Capital*, a filosofia da economia.

## CLAUSEWITZ E SUA OBRA

Clausewitz foi um militar intelectualizado, que fez apreciável experiência na guerra. Apesar do brilho que alcançou seu nome em nossa profissão, por aquele primeiro aspecto, deve-se ver isto com prudência, uma vez que, na guerra, devido à natureza da mesma e sua característica de violência, há espaço para o intelectual e o homem de ação, o que pensa e o que faz. Muito embora estes traços de personalidades possam ocorrer em um mesmo indivíduo, tal fato não é coisa usual.

Por oportuno, para reforçar esta minha opinião, reproduzo alguns versos dos

*Lusíadas*, de Luiz de Camões, em que ele aborda o aspecto em questão:

### OS LUSÍADAS

*Tomai conselho só de experimentados  
que viram largos anos, largos meses,  
que, posto que em cientes muito cabe,  
mais em particular o esperto sabe.*

#### Canto décimo estância 152

Feita esta colocação, voltemos ao nosso personagem principal.

Para bem compreender Clausewitz devemos conhecê-lo, também, por sua biografia.

Nasceu na cidade de Burg, na atual Alemanha, sendo filho de um oficial prussiano. Aos

12 anos, sentou praça como alferes e, já aos 13 anos, participou da guerra de 1793 a 1794, a chamada Campanha do Reno.

Mais tarde foi admitido como cadete na Academia Militar de Berlim, cujo comandante, então, era o General Scharnhortz, um dos mais notáveis generais prussianos da época.

Tendo Clausewitz destacado-se como cadete, já como capitão foi nomeado ajudante-de-ordens do Príncipe Augusto da Prússia, com ele participando da Batalha de Lena, onde o Exército prussiano foi derrotado por Napoleão. Tendo caído, então, prisioneiro, permaneceu nesta condição por cerca de um ano, após o que retornou à Prússia, indo servir com Scharnhortz e participando da notável obra de reorganização do Exército prussiano promovida por este último.

De Scharnhortz, Clausewitz recebeu grande influência, o que o levou a considerar-se, em inúmeros aspectos, um seu discípulo.

Devido a seus dotes intelectuais, mais tarde, Clausewitz foi indicado para supervisi-

---

**A capitulação não  
era uma vergonha  
e a maior virtude  
do soldado era a  
obediência simples**

---

onar a educação do príncipe herdeiro da Prússia, quando, já major, veio a contrair matrimônio com Maria de Clausewitz, tendo em vista que foi ela, revelando grande visão, quem preservou para a posteridade a obra *Da Guerra*, extraordinária realização intelectual de seu esposo, após a ocorrência da morte do mesmo. Auxiliada por seu irmão, Conde de Bruhl, além de outros, cuidou da recuperação dos originais, revisão e publicação da obra máxima de Clausewitz.

Quando em 1812 a Prússia foi forçada a uma aliança com a França, Clausewitz transferiu-se para o Exército russo, como era comum na época, tendo deixado elaborada outra sua obra, intitulada *Os mais importantes princípios para a conduta da guerra, para completar um curso de Sua Alteza Real o Príncipe Herdeiro*.

Na Rússia serviu como coronel e depois como chefe de Estado-Maior da Legião Russo-Alemã, tomando parte em uma e assistindo a outras batalhas da campanha de Napoleão na Rússia, onde ocorreram fatos que muito o impressionaram e influenciaram a elaboração de *Da Guerra*.

Após a campanha da Rússia e a ocorrência da chamada Primeira Paz de Paris, em 1815, passou Clausewitz a chefiar o Estado-Maior do 3º Corpo de Exército, participando das batalhas de Ligny e Wavre, que foram desfavoráveis aos prussianos.

Posteriormente tornou-se chefe do Estado-Maior de Gneisenau, onde foi promovido a major-general. Em seguida foi convocado para dirigir, administrativamente, a Academia Militar de Berlim, cargo que exerceu até 1830. No ano seguinte, novamente como Chefe de Estado-Maior de Gneisenau, veio a falecer, por efeito de uma epidemia de cólera, na cidade de Breslau, hoje integrante do atual território da Polônia.

Curiosamente, Clausewitz, que tanta influência teve no pensamento militar dos séculos XIX e XX, nunca exerceu um grande comando.

Segundo seus biógrafos, possuía uma personalidade inquietante, de temperamento tímido, com inteligência viva e arguta e com grande sensibilidade para as idéias e a fundamentação filosófica das mesmas.

Sua obra principal foi especialmente concebida e elaborada durante o tempo em que, a partir de 1818, exerceu funções na Academia Militar de Berlim, e está baseada em análises e estudos sobre as campanhas de Frederico II da Prússia e as de Napoleão.

É obra póstuma e por ele mesmo considerada incompleta e inacabada.

Admitia, apenas, como concluído o Livro I. É um trabalho de difícil leitura – raramente lido na íntegra – constituindo-se num alentado volume, por vezes ambíguo, propiciando interpretações divergentes, e prolixo em algumas de suas partes.

Apesar destes aspectos, tornou-se um clássico da historiografia militar e talvez a sua obra mais importante até os tempos atuais. Em sua forma filosófica aborda aspectos da política, da estratégia, da tática e suas correlações, mas seu maior valor se encontra na caracterização que faz da subordinação das decisões militares àquelas de natureza política.

O seu enfoque é o da força terrestre e o seu ponto de vista é o da cultura alemã da época. Não considera aspectos tecnológicos e de propaganda, tão importantes nos conflitos atuais.

Por vezes Clausewitz foi entendido como propugnador da guerra, na forma de confrontos sangrentos, o que não foi a sua intenção verdadeira.

A obra em si, numa forma esquemática, tem a apresentação que se segue:

### ***Estrutura da obra***

Ela é constituída de oito livros, cujos títulos revelam cada de seus conteúdos, precedidos por três notas. A primeira nota, escrita

provavelmente após 1816, em síntese, revela o que a obra propriamente dita apresenta sobre estratégia – é considerado um trabalho inacabado; a segunda, datada de 10 de agosto de 1827, fala da obra como um todo; e a terceira, certamente a última das três, volta a considerar a obra de forma genérica e como sendo carente de revisão e de unidade.

Curiosamente, apesar de ter vivido numa época de intensos conflitos, onde o **Poder Naval** exerceu importante papel, Clausewitz não faz menção ao mesmo. Quanto à **guerra de guerrilha**, tão exercitada na Península Ibérica e na Rússia, também não mereceu tratamento suficiente, sendo considerada, apenas, como guerra popular, contra os invasores, em ambos os casos, os franceses.

Em compensação considera como sendo da maior importância na guerra os aspectos de **natureza psicológica, moral e de personalidade do chefe**, o que é de grande atualidade.

O pensamento fundamental de Clausewitz é aquele pelo qual sua obra é mais conhecida, isto é, “de que a guerra é a continuação da política por outros meios”, e que tem tido validade passados quase 160 anos de quando foi explicitada pela primeira vez. Ademais, sua concepção em *Da Guerra* é enaltecida pelo nacionalismo alemão e propiciadora, por vezes, de se confundirem o nacionalismo e a ideologia.

Os princípios de Clausewitz são fruto de um método científico, uma vez que faz deduções (filosofia) e observações (experiência). Ele dizia que seus princípios não eram dogmas, mas sim orientações; e que uma teoria perfeita jamais poderia substituir a prática criativa, o que encerra uma grande sabedoria.

Interessante notar que a edição de *Da Guerra* de que me vali apresenta uma longa introdução, de caráter filosófico, que manifesta, a certa altura, a opinião de que ela é obra considerada, muito justamente, um clássico. Entretanto, ao longo da mesma, o autor da introdução em apreço revela, aqui e ali, uma posição preconceituosa em relação aos militares, parecendo tratar-se de adepto da ideologia de esquerda.

Como exemplo reproduzo um trecho constante da página 18:

“As preocupações militares, como as de qualquer grupo profissional, eram as promoções, o prestígio social, a auto-estima, etc.”

Outro comentário da mesma natureza é encontrado na página 60, e que, por ser longo, me eximo de apresentar aqui.

Decididamente, afirmações como estas atingem os elevados valores ético e moral que confor-

am nossa profissão e comprometem esta bela edição de *Da Guerra*, promovida pela Universidade de Brasília.

## CARACTERIZAÇÃO DO PENSAMENTO DE CLAUSEWITZ SOBRE AS RELAÇÕES ENTRE A POLÍTICA E A GUERRA

Como já mencionei, com base nas ocorrências político-militares ocorridas no final do Século XVIII e princípio do XIX, especialmente no que concerne à Revolução Francesa e seu desdobramento na era napoleônica, Clausewitz estabeleceu os fundamentos de sua obra de pensamento, que vieram a preva-

---

**Ele dizia que seus princípios não eram dogmas, mas sim orientações; e que uma teoria perfeita jamais poderia substituir a prática criativa**

---

lecer no restante do Século XIX e demais acontecimentos do atual.

Na impossibilidade de uma abordagem maior da obra de Clausewitz, devido a razões de exigüidade de espaço, tratarei aqui, apenas, do que considero mais importante na mesma, tais sejam, seus pensamentos mais atuais e, primordialmente, a *Relação entre Política e Guerra*, em que esta última é caracterizada como instrumento eficaz da implementação da primeira; da *Guerra absoluta e Guerra real* e sua diferenciação; da *Estratégia Nacional e Centro de Gravidade*; e da *Defensiva e Ofensiva*, sua análise.

### **Relação entre a Política e a Guerra**

Em sua obra, Clausewitz revela a opção pela subordinação da guerra à política, tendo como seu corolário a preponderância do poder civil sobre o poder militar.

Ele considera que a política é que cria, comanda e delimita a guerra. Sua concepção decorre dos fatos das guerras pós-Revolução Francesa, em que toda a nação se empenha na obtenção da vitória no conflito, na forma de um esforço nacional. Por essas razões é que ele, a certa altura, assim se expressa: "A guerra nada mais é que a continuação da política de Estado por outros meios", volto a enfatizar.

É claro que a política e a guerra não podem viver uma situação de dicotomia. Elas devem se desenvolver na forma mais harmônica possível, respeitada a hierarquia da primeira sobre a segunda, tendo em consideração os meios em confronto e como objetivo o propósito a ser alcançado.

### **Guerra absoluta e Guerra real**

Com estes títulos Clausewitz analisa os aspectos teóricos e práticos da guerra, enfatizando a necessidade de serem consideradas, devidamente, as ações em si. A forma absoluta – no domínio do saber – se antepõe àquelas do Século XVIII, antes das campanhas napoleônicas – quando não ocorreria, muitas vezes, um engajamento entre as partes em conflito buscando uma decisão na forma violenta – e as que se lhe seguiram. Ele não aceita a moderação. Procura conseguir a vitória plena, através do poder disponível, numa ação de caráter ofensivo e enérgico.

A guerra real, submetida ao Conceito de Atrito, difere das condições imaginadas, que muitas vezes não chegam a ocorrer. Está-se no domínio da incerteza e do acaso: a mobilização não se faz de forma imediata, as decisões são influenciadas por fatores diversos, a postura do adversário é de difícil suposição, são alguns exemplos; isto é, o acidental

e a sorte exercem um grande papel na guerra. Quem comanda deve planejar adequadamente, mas não confiar em que sua intenção venha a se realizar completamente, como foi previsto, devendo estar atento à evolução dos acontecimentos, precavendo-se, em tempo, contra eventual surpresa que venha a ocorrer.

É interessante mencionar que Clausewitz, na sua intenção de melhor esclarecer o que entendia como *Guerra absoluta* e *Guerra real*, criou o conceito de fricção, que considera como um conjunto de fatores, tais como perigo, esforço físico, incerteza e oportunidade, que, estando presentes na segunda concepção de guerra, a torna diversa da primeira.

---

---

**A política é que cria,  
comanda e delimita a  
guerra**

\*

**A política e a guerra  
não podem viver uma  
situação de dicotomia**

---

---

## *Estratégia Nacional e Centro de Gravidade*

Clausewitz se posicionou em sua obra no nível nacional, tendo em vista que considerou a guerra como subordinada à política. Conseqüentemente entendia a existência de uma Estratégia Nacional e uma Estratégia Militar, embora esta última, conforme a doutrina atual, não seja exclusivamente militar, uma vez que requer para sua consecução um certo momento para o planejamento e o preparo do Poder Nacional, que não se encontram estritamente nos limites da chefia militar.

Com relação à essência de estratégia, diz Clausewitz:

### PRIMEIRO ATO

“O primeiro, o mais importante, o ato de apreciação mais decisivo que um homem de estado ou um comandante-em-chefe executa consiste, pois, na apreciação correta do tipo de guerra que leva a efeito, a fim de não tomar por aquilo que ela não é e não querer fazer aquilo que a natureza das circunstâncias lhe impede que seja. Eis portanto a primeira e a mais vasta de todas as questões estratégicas.”

Clausewitz

Desenvolvendo seu raciocínio sobre a estratégia, especialmente os elementos de diferentes naturezas que considera, como sejam aquelas morais, físicas, matemáticas, geográficas e estatísticas, e ao afirmar que aquela determina o lugar, o momento da batalha e as forças necessárias para a consecução da mesma, Clausewitz atinge um dos momentos fundamentais de sua obra, o *Conceito de Centro de Gravidade*.

Embora revelando-se apologista do emprego da guerra como instrumento de solução de um conflito de natureza política, ele

revela plena consciência daquela ao dizer que o seu objetivo final não é a vitória, mas a paz, através da preservação do nosso próprio Estado e a derrota do inimigo.

Segundo Fuller, que analisou a teoria de Clausewitz, o Centro de Gravidade é o ponto da estrutura do inimigo – militar, política, social, etc. – onde este, se for derrotado ou perdê-lo, todo o arcabouço do poder nacional desmoronará.

Esta é uma das teorias mais importantes de Clausewitz, porque condiciona o objetivo da *Grande Estratégia* na guerra.

Para melhor compreensão do que Clausewitz entende como Centro de Gravidade, cito que a certa altura ele assim se expressa: “O Centro de Gravidade de Alexandre, o Grande, era o seu exército; nos estados agitados por dissensões internas, este Centro de Gravidade é a sua capital; nos pequenos estados, que dependem de outros maiores, ele se encontra, em geral, no exército de seus aliados; numa sublevação nacional, ele é formado pela pessoa do chefe principal e a opinião e é contra estes que o golpe deve ser dirigido.

### *Defensiva e Ofensiva*

É interessante mencionar que embora Clausewitz seja conhecido como apologista de que a guerra é um ato de violência levado aos limites extremos, segundo Fuller, em *Da Guerra* a atitude defensiva abordada em um quarto da obra é considerada uma forma de guerra mais forte do que a ofensiva. Além do mais, Clausewitz revela que a ofensiva possui um caráter concêntrico, enquanto que a defensiva o possui de forma excêntrica.

Em sua maneira peculiar de expressar, às vezes, seu raciocínio, ele afirma que a defensiva tem sinal negativo, isto é, uma conotação de preservação, e a ofensiva o possui positivo, com a de conquista e ambas são relativas.

Entretanto o que Clausewitz realmente quer dizer é que a defensiva é uma forma de

guerra mais pobre, porque nela prepondera menor iniciativa; ela é forte, porque realiza a concentração dos meios em uma área menor e portanto mais compacta. Por sua vez, a ofensiva é mais rica, pelo fato de em tendo a iniciativa, busca empenhadamente a decisão; em compensação, é mais fraca, pela necessidade da dispersão dos meios. Apesar disto Clausewitz considera que, na verdade, não existem de forma pura a ofensiva e a defensiva; que tais ações têm que ter em consideração o compartimento estratégico e tático em que se realiza; que na ofensiva se tem mais facilidade do que na defensiva para efetuar envoltimentos e cortar a retirada do conjunto das forças, já que quem defende está em

posição estática, enquanto que quem ataca encontra-se em movimento, em relação à posição defensiva; e que “a defesa não é outra coisa senão uma forma mais forte de condução da guerra, graças à qual procuramos atingir a vitória, para passar ao ataque, isto é, o objetivo positivo da guerra, desde que tenhamos conquistado a superioridade”.

Com considerações deste tipo, Clausewitz constrói a sua teoria e percebe-se sua preferência pelo ataque, embora considere a defesa mais fácil.

Para concluir estas breves considerações, reproduzo um quadro onde estão representados os Princípios de Clausewitz para a obtenção de uma decisão favorável.

**Princípios de Clausewitz para a obtenção de uma  
decisão favorável no campo de batalha:**

1. Empregar todas as forças disponíveis com a máxima energia (...).  
(Princípio do objetivo e da massa)

2. Concentrar nossa força, tanto quanto possível no ponto em que o golpe decisivo deve ser aplicado;  
(Princípio da concentração de forças e da economia de meios)

3. Não perder tempo (...) pela rapidez muitas atitudes do inimigo são neutralizadas logo no início e a opinião pública fica a nosso favor (...). A surpresa é o elemento mais decisivo da vitória.  
(Princípio da surpresa)

4. Finalmente (...) o acompanhamento do êxito obtêm-se com o máximo de força.  
(Princípio da perseguição)

## ANÁLISE DE ALGUNS CONFLITOS RECENTES, EM FACE DO PENSAMENTO DE CLAUSEWITZ

Como exemplos de conflitos onde conceitos estabelecidos por Clausewitz estiveram presentes, seja nos aspectos políticos, seja naqueles militares, desejo citar a Guerra da Coreia, em 1950; a Guerra das Malvinas, em 1982; e a Guerra do Golfo, em 1991.

É claro que não será possível, aqui, devido à exiguidade do espaço para isso, fazer uma análise ampla de como aqueles conceitos foram aplicados, influenciando o desenrolar dos acontecimentos – ao motivar decisões de caráter político e militar – e seus reflexos nos resultados finais. De concreto, mesmo, também porque muita coisa do que disser a respeito pode ser discutível em função do ponto de vista das partes envolvidas e do grau de informação disponível, farei apenas algumas apreciações que julgo mais interessantes.

### *Guerra da Coreia*

Como sabemos, a 25 de junho de 1950, numa ação de surpresa, buscando a solução de um problema e, empregando a guerra como instrumento de ação, a Coreia do Norte, de regime comunista, invadiu a Coreia do Sul, de regime capitalista, com o objetivo de anexá-la.

A motivação foi político-ideológica e o instrumento utilizado foi a guerra. Em decorrência, a situação militar se agravou e a política também, resultando na intervenção da ONU, empregando meios militares de diversas nações, sob a liderança dos Estados Unidos. Apesar da ação de pronta resposta por parte das Nações Unidas, onde ocorreu um intenso emprego do Poder Aéreo americano, os norte-coreanos avançaram continuamente até encerrar as forças sul-coreanas e as que as apoiavam numa pequena área, que ficou conhecida como Perímetro de Pusan. A situação tornou-se desesperadora e iminente

a ocupação total da Coreia do Sul pelos norte-coreanos.

Valendo-se de uma circunstância que lhe era favorável, a de possuir o domínio do mar, Mac-Arthur, que comandava as forças das Nações Unidas, executou a 15 de setembro de 1950 uma manobra de flanco, no litoral do Mar Amarelo, ao atacar o Porto de Inchon, próximo a Seul, através da realização de uma operação anfíbia, o que deixou as forças norte-coreanas na área de Pusan em enorme risco, obrigando-as a uma retirada geral.

Em prosseguimento à sua eficaz operação, Mac-Arthur invadiu a Coreia do Norte e executou a 26 de outubro um novo desembarque anfíbio em Wonsan, no litoral do Mar do Japão.

O avanço a partir de Inchon e Wonsan em direção à fronteira da Coreia do Norte com a China tornou a situação dos norte-coreanos muito difícil, o que provocou, em novembro, a intervenção dos chineses, seus inspiradores políticos e aliados, no sentido de conter as tropas da ONU e repeli-las.

Nova reviravolta ocorreu na guerra, com as forças da ONU em retirada, devido à superioridade humana e material das tropas comunistas. Nesta fase ocorreu uma épica operação de retração das forças da ONU, conhecida como o Inferno de Chosin, mas a situação foi aliviada pela desocupação da área, através de uma retirada anfíbia.

Inúmeras nações apoiaram a ação da ONU na Coreia, mas a imensa maioria dos meios empregados foi americana e, por isso, o Comando Supremo foi sempre de um seu general e a maior responsabilidade das decisões políticas foi de presidentes dos Estados Unidos: primeiramente Truman e, depois, Eisenhower.

Durante os anos seguintes aos fatos relatados, a guerra prosseguiu, com variadas alternativas. A pressão política para o encontro de uma solução aumentou. Mac-Arthur tentou uma solução militar de certo risco, mas Truman não a aprovou, resultando na desti-

tuição daquele do cargo de comandante; Eisenhower, posteriormente, ameaçou ampliar o conflito, o que intimidou os adversários. Tais fatos são revelados nos textos que se seguem:

“Teria sido militarmente arriscado (dizia uma correção de uma circular do Departamento de Estado, de 3 de janeiro de 1951) adotar uma posição que requereria uma grande escada contra grandes exércitos terrestres controlados pelo regime de Pequim, enquanto o coração do poder agressivo comunista permaneceria intocável.”

Em outras palavras, de um ponto de vista militar, mesmo uma campanha aérea contra a China não seria suficiente. A segunda dificuldade foi que qualquer prorrogação da guerra, por parte dos americanos, principalmente na China, corria o risco de destruir a unanimidade com que os Estados Unidos e seus aliados respondiam às agressões norte-coreanas. A última dificuldade referia-se ao que foi dito pelo General Ridgway: “A administração Truman e a Joint Chiefs of Staff (JCS) estavam preocupadas que um ataque às bases na Mandchúria ou mesmo às pontes sobre o Rio Yalu colocasse um fim ao acordo que mantinha nossas bases na Coreia do Sul e no Japão invioladas, limitando a guerra à Península Coreana.”

“A ameaça de expandir a guerra e, se necessário, usar armas atômicas, parece ter sido transmitida por Dulles, durante uma visita à Índia no fim do mês de maio, e Sherman Adams disse que depois da guerra, quando interrogou Eisenhower sobre o que havia acontecido para que os comunistas aceitassem os termos do armistício, ele respondeu: “Dissemos a eles que nós não poderíamos manter, por mais tempo, uma guerra limitada, se os comunistas não observassem o tratado de cessar-fogo (trégua). Eles não desejavam uma guerra total ou um ataque atômico.”

A 27 de julho de 1953, após difíceis negociações, entretanto, foi assinado um armistício,

que praticamente restabeleceu o *status quo* existente antes da ocorrência do conflito e que permanece até hoje.

## **Guerra das Malvinas**

Tentando solucionar um problema territorial, tal seja o de submeter à sua soberania um conjunto de ilhas até então sob o domínio britânico, a Argentina, através do seu Poder Político – uma junta governativa militar –, após uma avaliação equivocada, decidiu ocupar as Malvinas, as Geórgia do Sul e as Sandwich. Tal ocupação pretendia criar uma situação de fato, a partir da qual seria negociada a transferência de soberania sobre as mesmas. O instrumento utilizado para a consecução da decisão política foi o militar e, muito embora respaldada na opinião pública argentina – por vir de encontro a uma antiga aspiração nacional – a nível internacional ela era arriscada, primeiro, ao supor um apoio do governo americano e, segundo, por subestimar a reação inglesa. Neste caso, percebe-se claramente que a motivação do conflito era unicamente política.

A 24 de março de 1982 os argentinos desembarcaram nas Geórgia do Sul e, logo depois, a 2 de abril, dá-se a conquista de Port Stanley, nas Malvinas. Seguem-se diversas negociações, envolvendo inclusive outros países, mas a decisão inicial argentina foi mantida. Enquanto isso a Argentina se fortificava nas ilhas e a Inglaterra preparava-se para a retomada das mesmas.

Após um planejamento bem elaborado e mais bem executado, embora numa condição adversa, mas favorecidos pelo despreparo dos seus opositores, os ingleses atacam e retomam todas as ilhas. A 14 de junho de 82, obtém a rendição das forças argentinas que atuavam nas mesmas. Em decorrência do fracasso militar, seguiu-se, pouco depois, a queda do regime político argentino. Nos textos que se seguem são apresentados aspectos

tos das decisões do Poder Político argentino, que vieram a motivar o conflito, para o qual o seu Poder Militar não estava preparado.

Em seu discurso de posse, o Presidente Galtieri afirmou: "No plano da política externa, creio conveniente ressaltar que a situação argentina em relação ao mundo não é mais compatível com as posições equívocas ou cinzentas, suscetíveis de debilitar a nossa raiz ocidental, nem com devaneios, nem coquetismos ideológicos que possam desnaturar os interesses permanentes da nação."

Logo, esta última questão passou a empolgar os chefes que constituíam a Junta Militar, que admitiam "montar e desencadear uma operação, cujo risco não traria grandes conseqüências, pois uma reação armada por parte da Grã-Bretanha, se houvesse, seria de fraca intensidade, mediante o envio de uma pequena força para salvar a dignidade nacional".

## Guerra do Golfo

Este conflito, como o anteriormente descrito, embora muito sumariamente, guarda com o mesmo alguma semelhança, embora se tenha desenvolvido numa conjuntura política mais complexa e com um forte complicador de natureza econômica. Em síntese, independentemente de outros fatores (nacionalismo, religiosidade, soberania, histórico, etc.), pode-se considerar que a motivação principal para a eclosão do conflito foi de natureza político-econômica.

Alguns fatos balizaram o conflito: o **primeiro** foi a ocupação arbitrária do Kuwait, a 2 de agosto de 1990, pelo Iraque; o **segundo** foi a Resolução nº 678, de 29/11/1990, que deu um prazo a Saddam Hussein até 15 de fevereiro de 1991 para desocupar o Kuwait e a partir da qual seria autorizado o emprego da força, por parte dos países coligados e sob a liderança dos Estados Unidos; o **terceiro** foi o do início aos ataques aéreos ao Iraque em 17 de feve-

reiro de 1991; o **quarto** foi quando em 24 de fevereiro ocorreu o ataque terrestre; e o **quinto** deu-se após a derrota de suas forças militares e a aceitação das decisões da ONU, por parte do Poder Político do Iraque: primeiramente um cessar-fogo e, depois, a sujeição total em 9 de abril de 1991.

A derrota militar de Saddam Hussein, sem que, pelo menos até o presente momento, tenha ocorrido a destruição de sua liderança, no âmbito do seu país, contraria um princípio de Clausewitz, que considera a vitória uma total neutralização do adversário. É claro que aquela situação decorre de razões políticas que os dirigentes dos países que estiveram coligados em nome da ONU têm em consideração, em face da situação internacional do Oriente Médio.

Os fatos ocorridos nesse conflito ainda são muito recentes e não existe ainda uma perspectiva histórica que possibilite a análise precisa do que ocorreu e de suas implicações.

Sob o ponto de vista militar, as ações preponderantes competiram à aviação. Foi ela que, por meio da fricção de que fala Clausewitz, produziu o desgaste das forças iraquianas e veio facilitar o posterior e decisivo emprego das forças terrestres dos países coligados, presentes na área do Golfo. Além destes aspectos, assumiram importância especial neste conflito os da tecnologia e da propaganda, que, como a aviação, não foram analisados pelo autor de *Da Guerra*, por motivo óbvios.

No fulcro do conflito situou-se a ocupação do Kuwait, justificada por Saddam Hussein com argumentos de natureza histórica e econômica; e contestada pela ONU, por motivos éticos. No fundo de ambas as posições, entretanto, existiam outras razões.

Tinha que haver uma resposta enérgica ao gesto insensato do líder iraquiano, a fim de que não se repetisse o que ocorrera com Hitler, e que levara à Segunda Guerra Mundial.

Apenas as medidas de natureza econômica, política e diplomática não eram suficientes, daí a escalada, embora sempre relutante, por parte da ONU, que levou ao emprego de meios militares, resultando no conflito.

Neste ponto cabe uma colocação de natureza filosófica: deveria prevalecer a razão, no que respeita aos aspectos humanos, evitando-se uma ação militar, num alinhamento com Emanuel Kant, que julgava a guerra um absurdo? Ou a guerra como continuação da política adotada, com todos os horrores que ela encerra, como defendia Clausewitz?

Eis o aspecto primordial que apresenta a polêmica entre os autores dos artigos apresentados na parte final da bibliografia que considere para a elaboração deste artigo, cujos títulos são a seguir apresentados:

“A derrota de Kant no golfo: o projeto kantiano de paz perpétua perdeu para a teoria de Carl Clausewitz, que achava que as guerras são políticas.”

“A vitória de Kant no golfo: as consequências diplomáticas da Guerra do Golfo dão razão a Kant.”

Confesso que optei pela posição que diz que o vencedor foi Kant, embora dentro da prevalência do fundamental aspecto moral que estava em pauta, de ser necessária uma medida exemplar para aquele que violou um princípio consentido. Esta é uma postura pragmática, mas imprescindível à preservação do estabelecido nas convenções internacionais que visam ao convívio entre as nações.

A postura do autor do primeiro artigo, que diz que a eclosão do conflito caracterizou uma vitória de Clausewitz, não pelo fato daquele ter sido o instrumento da política, mas pela ocorrência da guerra, pareceu-me ingênua, se não enganada e mesmo equivocada.

Encerrando esta parte deste trabalho, numa apreciação dos três conflitos considerados, concluo que vi nos mesmos, em relação às suas motivações e consequências, a presen-

ça de Clausewitz expressa em seu pensamento fundamental:

“A guerra é a continuação da política por outros meios.”

Em nenhuma delas as decisões prevalentes tiveram como fonte o Poder Militar, embora tenham sido por ele influenciadas.

Todos os conflitos revelaram claramente a subordinação do Poder Militar ao Poder Político. Mas não somente isso, pois em todas elas os principais conceitos estabelecidos por Clausewitz também estiveram presentes, isto é: a estreita relação entre a política e a guerra, a guerra absoluta e a guerra real, aspectos estratégicos e táticos das operações militares, operações defensivas, estratégia nacional e centro de gravidade e fricção. Ainda mais, se bem que um pouco fora do nível deste trabalho, predominantemente voltado para as relações entre a política e a guerra, foram importantes e amplamente estudados por Clausewitz em *Da Guerra* os aspectos que comprometem o emprego do Poder Militar, tais sejam: inferioridade numérica, inferioridade moral, insuficiente liderança, terreno e meteorologia, insatisfatória informação e inexperiência em combate.

## APRECIACÕES FINAIS

Após termos tido uma visão da época em que viveu Clausewitz, um pouco da vida e de sua obra principal, pensamentos fundamentais que produziu e como eles repercutiram em alguns conflitos contemporâneos, é momento de formular algumas conclusões.

A primeira é a importância da história como fonte de reflexão para a obtenção de ensinamentos. No presente caso, podemos considerar que o período de transição entre os Séculos XVIII e XIX no que respeita à arte da guerra foi de extraordinária importância. Mas ele, certamente, teria transcorrido como tantos outros para o conhecimento do homem, não fora a sensibilidade e argúcia de

Clausewitz – filósofo de guerra que foi – que a viveu, a observou e deixou registradas suas impressões dos conflitos ocorridos na sua obra fundamental *Da Guerra*.

A segunda é que Clausewitz não foi um apologista da guerra e, pelo contrário, um analista racional da sua natureza, enquanto fenômeno social.

A terceira refere-se ao conteúdo da obra de Clausewitz, que teve seguidores e críticos. Entre os primeiros podem ser citados Schielliffen, Luddendorff, De Gaulle entre outros, além daqueles de concepção ideológica, quais sejam, Lenin, Mao Tsé-tung e Hitler, que adotaram suas teses, por oportu-

nismo político; entre os segundos encontram-se Liddel Hart, Fuller e, até mesmo, em alguns aspectos Luddendorff. Tal constatação recomenda a leitura atenta e integral da obra. Entretanto, independentemente das posições antagônicas dos autores aqui citados, a obra *Da Guerra*, apesar de ser um alentado volume, de leitura monótona, que por vezes se repete, apresenta aspectos contraditórios; e por ser, pelo seu autor, julgada inacabada, ela é de fundamental importância para o entendimento e a condução da guerra, o que a coloca em posição proeminente na historiografia militar, além de possuir grande atualidade.

### BIBLIOGRAFIAS BÁSICAS

(Obras e assuntos de maior interesse)

- 1 – *Da Guerra* – Carl Von Clausewitz, Martins Fontes / Editora Universidade de Brasília, 1ª Edição, 1979.
  - Prefácio, págs. 7/60
  - Nota do Editor, págs. 61/62.
  - Três Notas de Clausewitz sobre *Da Guerra*, págs. 63/68.
- 2 – *Dimensões da Estratégia* – Amerino Raposo Filho, Bibliex, 1990, 2 vols.
  - Capítulo VII – Filósofos e Teóricos da Guerra: Clausewitz e a Filosofia da Guerra (1ª Vol.).
  - Experiência de Clausewitz, págs. 245/252.
  - Pensamento Filosófico de Clausewitz, págs. 253/257.
  - Temas Fundamentais, págs. 258/283.
  - Atualidade de Clausewitz, págs. 284/287.
- 3 – *Clausewitz: Trechos de sua Obra* – Roger Ashley Leonard, Bibliex, 1988.
  - Introdução, págs. 5/30
  - Capítulo 8 – Guerra e Política, págs. 164/181.
- 4 – *História da Filosofia* – Will Durant, Companhia Editora Nacional, 1942.
  - Capítulo VI – Emanuel Kant e o Idealismo Alemão, págs. 255/293.
- 5 – *Clausewitz: As Relações entre a Política, a Guerra e a Estratégia* – Agenor Francisco de Carvalho, Revista *A Defesa Nacional*.
- 6 – *Von Krieger: 150 Anos Depois* – Cap. Sérgio Paulo Muniz Costa, *Revista do Clube Militar*, nº 263/84.
- 7 – *O Poder Aéreo na Coreia* – M.J. Armitage e R. A. Mason, reproduzido em parte na Revista *Idéias em Destaque*, do INCAER, nº 6, págs. 9/35.
- 8 – *Conflito nas Malvinas* – Gen. Paulo de Queiroz Duarte, Bibliex, 1ª Edição, 1986.
  - Capítulo III – A Junta Militar Provoca a Crise, págs. 53/66 (Vol. 1).
- 9 – *A derrota de Kant no Golfo: O projeto kantiano de paz perpétua perdeu para a teoria de Carl Von Clausewitz, que achava que as guerras são políticas* – Luiz Fernandes, Caderno “Idéias”, do *Jornal do Brasil*, 17/03/91.
- 10 – *A Vitória de Kant no Golfo: as conseqüências diplomáticas da guerra do golfo dão razão a Kant* – Alberto Melo de Almida, Caderno “Idéias”, do *Jornal do Brasil*, 24/03/91.

## AOS LEITORES

Por essas coisas que só podemos atribuir ao destino, uma pequena falha de nossa Revista Marítima Brasileira fez com que seu consultor-especial, entusiasmado com o trabalho de tradução e extensa pesquisa do Capitão-de-Mar-e-Guerra (Ref<sup>2</sup>) Fernando Moraes Batista da Costa do artigo *Tomb's manuscript* que tomou o nome de *O diário do Captain Tomb* publicado no exemplar do primeiro trimestre de 2000 às páginas 137 a 156, se tornasse uma teoricamente, repetição da tradução do mesmo artigo pela Professora Eulalia M. L. Lobo que levou o título de *As experiências do Capitão James H. Tamb na Marinha Brasileira – 1865-1870*, publicado, há 36 anos, na Revista Marítima Brasileira primeiro trimestre de 1964 a páginas 35 a 54.

Foram iniciativas completamente independentes apesar de partirem de uma origem comum, um documento pertencente ao Almirante José Moreira Maia, cunhado da Sra. Eulalia Lobo e Chefe do Comandante Fernando Batista (de quem era assistente e amigo de família).

Ambos, a nosso ver, são excelentes trabalhos e a seus autores devemos as nossas desculpas pela coincidência.